

NARRATIVAS DE VIVÊNCIAS JUVENIS: AS JOVENS MULHERES NO CENTRO DA CENA

SALVA, Sueli – UFRGS e ULBRA

GT-23: Gênero, Sexualidade e Educação

Agência Financiadora: CAPES

Introdução

Este artigo apresenta alguns resultados da pesquisa realizada durante o doutorado em Educação na UFRGS, a qual direcionou o olhar às jovens mulheres¹ de periferia urbana. A investigação, concluída em fevereiro de 2008, priorizou as vivências das jovens a partir de narrativas construídas em diários autobiográficos, e centrou-se em saber como algumas dessas jovens narram o seu cotidiano. Além de aspectos relacionados ao contexto, as narrativas aqui destacadas têm o objetivo de compreender como elas se constituem do ponto de vista da linguagem e como atuam no processo de construção de si. Esse processo é compreendido como “identização”, pressuposto inspirado em Melucci (2004) o qual argumenta que enquanto sujeitos, estamos continuamente em construção, sem nunca alcançar uma identidade fixa e única. A análise põe em relevo a experiência de narrar e narrar-se, possui contornos teóricos específicos e possibilita compreender as jovens a partir das perspectivas apresentadas por elas mesmas, bem como do modo próprio de cada uma se inventar.

O contexto social em que vivem possui as marcas da pobreza e da precariedade, o que reduz consideravelmente o leque de escolhas, gerando dificuldades na produção da subsistência e na concretização dos sonhos vislumbrados por elas. A precariedade do contexto (MARTINS, 1997) impõe que parte da população se insira na cadeia produtiva, esteja incluída do ponto de vista econômico, mas não do ponto de vista social, moral e político, formando “um mundo à parte”, ao qual o autor denomina “nova desigualdade”. Esta população é incorporada socialmente através do trabalho precário, exercido no pequeno comércio ou em setores de serviços mal pagos. Tal fato é tão mais pernicioso quanto mais se considere que a sociedade atual é baseada no consumo, na circulação de mercadorias e serviços. Fora do eixo da produtividade e sem acesso aos

¹ Fizeram parte da pesquisa seis jovens mulheres, escolhidas a partir de critérios como idade, etnia, condição de estudante. As narrativas escritas iniciaram por solicitação da pesquisadora, a partir da entrega de um caderno, que foi denominado diário. Foram convidadas nove jovens, mas apenas seis aceitaram escrever. Elas são identificadas por nomes fictícios de Raissa, Elaine, Jô, Caroline, Tânia e Tathá e têm idades entre 14 e 20 anos. Todas vivem no Bairro Rubem Berta, na Vila Nova Santa Rosa, localizada na zona norte da cidade de Porto Alegre/RS.

bens econômicos e culturais das classes mais elevadas, só resta a inclusão de modo precário.

Um segundo aspecto marca esse contexto e é denominado por Bourdieu (2003) de “dominação masculina”. Por meio dela, as jovens reproduzem comportamentos criados pelas gerações anteriores que perduram através de representações simbólicas. São modos de estarem incluídas como mulher, incorporados inconscientemente, que correspondem a estruturas históricas da ordem masculina e determinam comportamentos que se naturalizam, produzindo a falsa crença de que têm como princípio a liberdade.

Um terceiro aspecto refere-se ao processo criativo que reside em cada ser humano e é capaz de recriar a existência. É construído a partir do que Certeau (1994) chama de microliberdades, através das quais o ser humano é capaz de deslocar as fronteiras da dominação e produzir um sentido distinto para uma prática cotidiana. Nesta concepção, enraíza-se um pensamento otimista em relação à capacidade inventiva e à possibilidade de criar de homens e mulheres, mesmo inseridos em estruturas sociais. Não se trata de negar a estrutura, mas de compreender que, em alguns momentos, aqueles que são atingidos por elas encontram formas de criar uma nova trilha, construindo outras maneiras de fazer e significar a existência, a partir do imprevisível que ocorre na vida cotidiana. Neste caso, os percursos se recriam e novos planos e sonhos ocupam o lugar daqueles que a precariedade impossibilita concretizar.

As jovens mulheres no centro da investigação

A investigação ocorreu em um momento que os estudos que tematizam a juventude no Brasil se intensificaram por conta da expansão dessa parcela da população e da diversidade que é atribuída à categoria juventude. Mesmo com a atenção recebida por parte dos investigadores, tanto na área da educação como das ciências sociais, sabe-se que ainda há uma lacuna referente às jovens mulheres, suas formas de pensar, seus valores, significados culturais, sentidos do seu fazer cotidiano, como anunciam vários pesquisadores, como Abramo e Branco (2005), Weller (2005), Reguillo (2003) e Elizalde (2006). Em vista disso, o texto privilegia a palavra feminina e procura, a partir dela, compreender os modos de ser de algumas jovens mulheres, supondo que a palavra pública possibilitará a construção de um mundo próprio. Isso não significa buscar uma

essência feminina do ser jovem mulher, mas compreender o modo como o ser jovem mulher é construído, a partir da linguagem de si, pois:

Se os lábios femininos ficarem fechados, seu sexo e seu corpo feminino, ficará sem construir, sem representações simbólicas próprias. Ficar sem construir porque é com a linguagem – especialmente com a palavra pública compartilhada com a qual se constrói as categorias de uma cultura. A linguagem das mulheres é uma linguagem enigmática, uma linguagem em certa maneira incompreensível. Por outro lado, um sexo que não se diz, que não está construído com signos próprios, ficará facilmente subordinado ao sexo que tem existência própria. (RIVERA, 1999, p. 44)

Para compreender o que se passa com as jovens mulheres, o ponto inicial de referência foi a diferença de gênero. Enquanto categoria analítica, o gênero permite analisar as vivências a partir das diferenças sociais e culturais para além do critério biológico. Como conceito, gênero é diferente de sexo. O sexo tem um núcleo biológico irrecusável. O gênero é ligado à reprodução social em sua totalidade, e o sexo é apenas um dos seus componentes. Em vista disso, pode-se dizer que, onde termina o sexo, continua ou começa o gênero. Considerou-se também que as relações de gênero – mesmo que não somente elas - incidem na construção social do sexo. (NAROTZKY, 1995)

Neste sentido, conforme Touraine (2004, p.170) para entender as mulheres, é preciso ir além do gênero, daí a importância da categoria sujeito, associada à categoria sexo. A união das duas categorias possibilita compreender a sexualidade. Essa visão rompe com dualismos e coloca ênfase nos modos de o sujeito construir-se, “porque o gênero nunca vai deixar de ser uma construção das relações de poder.” Para o pensador, direcionar o olhar para as mulheres enquanto sujeito é direcionar o olhar para o mundo, pois elas não são apenas parte do mundo, elas são o mundo, uma vez que este é formado por homens e mulheres.

O diário autobiográfico e seu papel na investigação

O diário autobiográfico foi originalmente previsto para ser apenas uma técnica de produção de dados. Entretanto, ele se constitui como uma prática significativa, com contornos teóricos específicos. Os diários das jovens, inspirados naqueles que foram produzidos de forma bastante significativa no passado, utilizados para guardar os

segredos, conflitos, intimidades, adquirem contornos diferentes nos dias atuais, são reinventados:

Converteram-se, para determinadas mulheres, em um instrumento eficaz de apropriação da palavra e criação de um discurso, constituindo-se, ao mesmo tempo, em modos de conhecer e de se fazer conhecer; eles são práticas sociais que partilham, também, da construção da história de indivíduos que se inventam pelas práticas de escrita de si, ou seja, partilham da constituição de um regime de sensibilidades. (CUNHA, 2007, p. 4)

Considerada uma prática de escrita ordinária, os diários autobiográficos, até pouco tempo, eram materiais desprezados, descartados, esquecidos, sem valor para a história, para a educação e para a ciência. Atualmente, são tomados como “fonte histórica”, que possibilita conhecer as maneiras de viver, as idéias circundantes, dos signos e códigos comportamentais da época. Seus usos, tanto na história como na educação, vêm se consolidando e são considerados como “indícios dos modos de fazer e compreender a vida do dia-a-dia”. (CUNHA, 2007, p. 2) A autora também ressalta que, desde uma perspectiva educacional, “o diário é uma prática educativa entre outras.” Como fonte de pesquisa, os diários tendem a “iluminar práticas cotidianas e preservar um capital de vivências de época.” (CUNHA, 2000, p. 16)

O diário se ancora na memória individual, construída no tempo presente, e, no instante que é expressa, já faz parte de um passado próximo. Também possibilita que seu produtor se dê a conhecer pela linguagem, construída na confluência de três espaços: o íntimo, o privado e o público. O espaço íntimo é importante porque, no interior dos diários, há o segredo, a palavra que permanece opaca através de subterfúgios de linguagem. O espaço privado se destaca porque a prática da escrita possibilita a constituição de um tempo-espaço próprio, talvez um dos poucos que as jovens dedicam a si mesmas. O espaço público também interessa porque compartilham com a pesquisadora, ou seja, se destinam a um interlocutor pressuposto, e através da tese os traços do diário se tornam palavra pública, que desenha contornos das vivências de algumas jovens, de um contexto social específico e de um tempo determinado. Seu uso como elemento de investigação não decorre de produção espontânea, uma vez que não era uma prática corrente entre as jovens². Epistemologicamente, os diários são

² Existe hoje uma diversidade de diários produzidos em páginas web, com características muito diferentes daqueles produzidos em cadernos. São atos de escrita compartilhada, não mais individual, mas gregário. Não contêm mais o segredo; são uma representação ao vivo da vida, apresentam o paradoxo de ser íntimo e aberto. Mesmo assim, o diário “continua a ser o registro do efêmero e do descontínuo, tal como no

considerados documentos que testemunham práticas cotidianas, conflitos próprios do tempo juvenil, da condição histórica como jovem mulher, das situações do dia-a-dia por elas vivenciadas. Por meio dele, é possível dar visibilidade às práticas de ser jovem em uma periferia urbana no tempo contemporâneo, além de fazer circular a palavra traçada de um espaço privado para o espaço público. A escrita em diário é um modo de oferecer ao olhar de outros detalhes sobre a vida, de abrir espaço para criar e criar-se. Sendo uma prática profundamente conectada ao eu, ao íntimo, à subjetividade, os traços neles contidos podem ser considerados marcas da existência.

As narrativas autobiográficas

A narrativa autobiográfica possibilita a reconstrução da experiência mediante um processo reflexivo com o qual o sujeito constrói significados sobre o vivido. É uma forma específica de discurso organizado em torno de uma trama argumentativa, seqüência temporal, personagem(s), situação, que produz a trama vivencial do sujeito que narra e dos demais com o qual ele se relaciona. (BOLÍVAR, *et al.*, 2001, p. 20)

A narrativa construída em diários autobiográficos tem como referência a experiência de cada indivíduo. Independentemente de cultura ou contexto, está sempre relacionada ao sujeito, à sua vida e aos sentidos que constrói sobre os eventos vivenciados, como expressa uma das jovens:

Escrever um diário é uma experiência bem legal, e a única pessoa com quem eu divido os meus segredos é a minha irmã de 25 e eu nunca escondi nada para ela assim como ela nunca me escondeu nada. A gente é super aberta uma com a outra e estar escrevendo um diário, contando a minha história para outras pessoas, para mim, é legal porque daí é como ter outra pessoa pra me abrir, desabafar. Muitas vezes eu tenho uma dúvida e posso esclarecer. [...] Além de estar contando a minha história, eu boto um pouco de sentimento nas coisas que eu escrevo, posso assim... escrever o que eu sinto, o que eu faço, até inventar, assim. (Entrevista, Tathá)

O sujeito da narração, mediante o ato de narrar, compõe “uma seqüência singular de acontecimentos, estados mentais”, nos quais ele próprio e os demais “participam como personagens ou atores.” (BOLÍVAR *et al.*, 2001, p. 21) Os acontecimentos narrados não são os fatos ocorridos separadamente do sujeito, como se

século XIX, e, antes de mais nada, continua a ser uma maneira de viver”. (MUZART, 2000, p. 189). O diário do passado era o lugar de sentimentos mais intimistas, um refúgio para a subjetividade feminina.

este os olhasse de fora; ao contrário, são parte do sujeito e da sua experiência vivencial. Tal experiência, às vezes, carece de palavras, mas, em outras, se vale de palavras e compõe narrativas, sendo, portanto, história. O relato narrativo pode conter ficção, já que “o tempo do relato é produto do entrecruzamento entre história e ficção.” (ARFUCH, 2002, p. 90)

A narrativa comporta um componente misterioso: ao narrar um fato, o sujeito elege as palavras que vai dizer ou que vai omitir. Por isso, em toda narrativa, há opacidade, uma vez que os narradores sempre tentam negociar consigo mesmos *o que e como* revelar, ou seja, “os atores não alcançam nunca uma reciprocidade transparente. No discurso, tentam constantemente preencher, porém também ocultar.” (MELUCCI, 2001, p. 98)

Essas características da narração atingem todos os sujeitos indistintamente, mas adquirem um caráter mais significativo para as/os jovens devido ao tempo da vida que vivem, de profundas mudanças em sua identidade e de busca de afirmação como sujeitos. Neste sentido, a narração pode ser considerada um importante recurso que atua no processo de identização, cuja característica principal é a construção contínua e permanente de si próprio. (MELUCCI, 2004) À medida que as jovens narram sobre si, também podem refletir sobre si. O processo se torna mais complexo quando os sujeitos se inserem em múltiplos pertencimentos. Tal multiplicidade move o sujeito em busca de constante processo de reconstrução de si.

Toda vez que ocorre a troca de um sistema de pertencimento para outro, novas regras precisam ser aprendidas. A linearidade e a segurança que provinha da família e do social dá lugar à incerteza, pois as ações que aí produziam estabilidade podem não ser aplicáveis em outros contextos, obrigando a jovem a construir novas ações para pertencer a esse outro universo:

Aos quatorze anos foi com medo, né, porque foi mudança de escola; era o último ano na escola onde eu estou há 9 anos; eu ia sair do meu convívio de bairro, ia para outro lugar; ia fazer coisas novas; conhecer gente nova. [...] Por mudar de escola, era uma nova vida que podia inventar uma nova Caroline..., eu podia fazer outra, ninguém me conhecia; eu podia mudar, tanto de personalidade como fisicamente, né..., daí, mudei! Daí, eu era uma pessoa totalmente... como que eu posso explicar?... uma pessoa totalmente diferente, ligada e ao mesmo tempo desligada. (Caroline, entrevista)

A narração pode ser a experiência mais significativa das jovens, que atua como delimitadora de fronteiras de si próprias e da sua manutenção enquanto sujeitos.

Caroline pode ser outra, mas essa outra tem como limite ela mesma. Narrando a si mesma, seu discurso e representações são constitutivos de si própria. Através dos discursos, ela produz sentidos para as suas ações. Por meio de ações, se apresenta aos outros e espera que a auxiliem na construção de si mesma. A seu modo, a jovem ilustra que, como diz Melucci (2004), o processo de identificação depende do próprio reconhecimento e do reconhecimento vindo dos outros, a narração nos expõe ao outro, que, ao ler, nos dá um retorno sobre nós mesmos, reconhecendo-nos enquanto sujeitos. Nas palavras de Melucci (2001, p. 95), a narração “parece responder à difícil tarefa de unir a multiplicidade, o ser incompleto do eu contemporâneo e sua necessidade de reconhecer-se e de ser reconhecido.”

A capacidade de narrar possibilita aos seres humanos a organização e reflexão da própria experiência. Para isso, é necessário contar que, ao narrar, o sujeito aporta uma seqüência de acontecimentos (sempre singulares), estados mentais, fatos de que ele participa como ator. (BOLIVAR, et.al. 2001)

Os diários das jovens e suas narrativas: seus traços de vida

Os diários das jovens contemplam uma diversidade de características. Por vezes apresentam uma linguagem cifrada, fragmentos de códigos, símbolos, sinais próximos das agendas adolescentes analisadas por Ramos (2000), que conclui ser uma prática que se utiliza de linguagem difícil de decifrar. Assim, para compreendê-los, é preciso ir além do produto e buscar, através deles, construir um processo de significação:

Estou Tão Feliz... Não sei por que! (Jô, diário, 26/07/05)

Não quero falar nada; estou de mau humor! (Jô, diário, 27/07/05)

*“SOU O QUE SOU E
NINGUÉM VAI ME MUDAR” (Caroline, diário, 11/06/05)*

T 
 B E I J O S (Caroline, 08./11/05)

“Pudim nova na área” (Tânia, 08/08/05)

Te adoro !!
 ° °

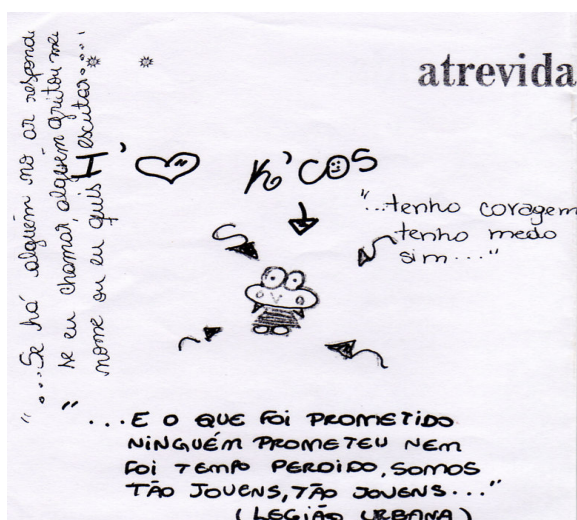
o
 ~ (Elaine, diário, 14/08/05)

De acordo com Ramos (2000), essa forma de registro serve para encobrir a palavra feminina, que, por muito tempo, foi silenciada pelas regras impostas pelo gênero masculino e no exercício de poder que esse gênero exercia sobre as mulheres. A linguagem feminina ainda precisará de algum tempo para ficar livre de subterfúgios. Também está relacionada com a cultura juvenil, seja por dificuldade de elaboração de um discurso mais sofisticado, seja porque as jovens narram da mesma forma que estão lendo o mundo. Pode, ainda, ser uma forma criativa de silenciar, representando “as sementes de uma comunicação diversa, [...] caminhos de um silêncio que faz crescer.” (FABBRINI; MELUCCI, 2000, p.39)

Nos códigos cifrados utilizados pelas jovens, elas reivindicam o direito ao silêncio e a não serem decifradas, invadidas. Isso é uma contradição, já que, em muitas outras vezes, também reivindicam o direito à palavra. Diante da solicitação para escreverem o diário, aceitam e o fazem, mas há um limite entre o que tornar palavra e o que cifrar, tornar opaco:

Certamente uma parte deste mundo poderá fazer-se palavra, mas para uma parte igualmente importante este fechamento deve ser colhido e aceito como um silêncio que basta a si mesmo. É gestação, diferença, distância. É segredo. Pede presenças respeitadas, não palavras, e pode tornar-se contato somente no reconhecimento do direito de calar-se, do direito de não ser entendidos, que espelha o direito de não entender. (FABBRINI; MELUCCI, 2000, p. 40)

O direito ao silêncio se mescla com letras de música, poesias e sinais. Compõem um texto figurado, revelando-se e escondendo-se, estabelecendo um jogo com o leitor. O texto criado difere daquele normatizado pela escola, adquire novos contornos, outras formas de expressão, outra estética, mede o que revelar e o que silenciar, utiliza subterfúgios comunicativos, transgride, quer esconder, mas, ao mesmo tempo, deixa rastros. Por isso, como propõe Ramos (2000), é preciso ler nos ocios, nos vazios, nas entrelinhas ou, como sugerem Fabbrini e Melucci (2000), ser presença respeitosa, num silêncio que acolhe sem devorar, apenas considerando que essa forma de comunicação faz parte de uma cultura juvenil feminina, cuja forma mais ou menos padronizada dá origem a textos enigmáticos, permeados pela intenção de, ao mesmo tempo, revelar e ocultar.



Caroline, diário, 08/01/06



Jô, diário, 18/08/05

Repousa nos diários também a ambivalência que envolve o desejo de experiência nas relações afetivo-amorosas. De acordo com Bauman (1999), a ambivalência não está separada da nossa experiência de vida, ou seja, ela se tornou uma maneira de subsistência. Ao mesmo tempo em que ela cria problemas, também os resolve.

Meu Deus! Eu tô tão confusa... Pela primeira vez na minha vida eu deixo as coisas acontecerem, só que o que tá rolando com várias pessoas ao mesmo tempo! E agora? Que faço? Que ou quem escolher?! Ah, isso é demais pra mim.

"... pra sempre ou só por um momento..."

"... chorando o gelo que você me deu, não sei se foi você ou se fui eu..."
(Caroline, diário, 25/07/06)

Caroline se permite experimentar, mas a experiência também causa sofrimento, deixa a jovem confusa. As experiências não são realizadas de forma inconseqüente, mas a inserem em um campo de sentimentos difíceis de serem compreendidos.

As jovens vivem com intensidade as relações afetivo-amorosas com os pares, sinalizando sua condição juvenil. (FABBRINI; MELUCCI, 2000) Entretanto, não é raro surgirem conflitos com os familiares, cuja crença de que a experiência nas formas de relacionamento afetivo-amoroso, exercitando o *ficar* ou o namorar, seja, ainda hoje, privilégio do gênero masculino revelando os traços da dominação masculina. As jovens são julgadas moralmente quando desejam vivenciar essas experiências. Isso não

significa que elas se submetam completamente a tais regras, embora estejam distantes de se livrarem delas completamente.

♡ *Ai como é confuso o coração de uma adolescente³! As pessoas, (principalmente os pais) complicam muito: eles te dizem “namora bastante, aproveita enquanto tu ainda pode”. Não dá dois minutos e eles dizem: “Mas assim tu vai virar um corrimão! Desse jeito homem nenhum vai te levar a sério...” tá, e agora? O que fazer afinal?! (Caroline, diário, 23/07/06)*

Por que o amor é tão confuso e, ao mesmo tempo, tão certo? Porque, às vezes, não temos certeza de que é a alma gêmea e, aí, chega a desconfiança com todas as suas táticas, e faz com que você não tenha um sentimento muito bom, como: o sofrimento por amar uma pessoa que, talvez, mereça seu amor mas a desconfiança vem para afirmar que não. (Jô, diário, 16/10/05)

Para as jovens, apesar de registrarem muitas coisas que se referem aos relacionamentos afetivo-amorosos, o mais importante é a família, cujos conflitos são os que causam dor mais intensa. A prisão do pai de Raissa, o envolvimento com drogas do irmão de Jô, a distância do pai de Elaine são alguns exemplos. As famílias enchem de presença a vida de todas elas e, às vezes, são registradas a partir da falta:

Hoje é o dia dos Pais, e sinto muita falta de um pai do meu lado. (Elaine, diário 14/08/05)

Bom, já faz muito tempo que eu não escrevo, ando muito preguiçosa ultimamente, hoje é 23 de julho; dia 17 de julho foi aniversário do meu pai, ele veio dia 15 de julho, ficou 3 dias aqui, depois voltou pra lá de novo. Sinto tanta falta do meu pai. (Raissa, diário, 23/07/05)

Quando ele (irmão) aprontava, acabava fazendo minha mãe chorar. E ele chorava também, como se não fosse ele que fazia isso. Mas, sabe, tenho orgulho dele. Chorei (quando ele era dependente), foi quando o C. (um cara de Gana) mostrou a arma pra mim e minha mãe; e disse que ia matar ele. Não sabia o que fazer, ele veio aqui em casa mostrar para nós, foi muito doloroso. Só de pensar que não ia mais ver meu irmão, me doía o coração. Só pensava em pedir pra Deus que não acontecesse isso, e que ele não fosse embora. Todos os dias agradecia, porque não sabia se hoje, amanhã, semana que vem, meu irmão estaria morto. Cada vez que ele saía, me dava um aperto no coração, dava um medo, uma dor, e ele nem aí! Bah, ainda

³ Embora as jovens se denominem adolescentes, neste estudo, a opção é pela categoria jovem, uma vez que essa categoria privilegia uma perspectiva sociológica. Considera ainda, do mesmo modo que Fabbrini e Melucci (2000), que adolescência é o tempo da vida em que inicia a juventude.

bem que tudo acabou! Penso, que essa foi a dor mais grande que eu tive; o amor não passa nem perto(o sofrimento). (Jô, diário, 16/05/06)

A liberdade é uma referência constante em suas narrativas. A condição de ser livre se constitui como um elemento fundamental para elas e está associada à possibilidade de poder sair, namorar, acontecimentos considerados tão importantes como viver. Também pode ser motivo de uma reflexão profunda, como foi o caso de Raissa. Para ela, a liberdade não está associada apenas à possibilidade de sair, mas também à falta de liberdade, vivenciada através da privação de seu pai.

Mais um Dia dos Pais que eu vou ter que ir visitar meu pai, eu não vejo a hora dele sair dessa, de uma vez, por que a melhor coisa que existe nessa vida é a liberdade; a liberdade é muito importante, hoje em dia, né? Antes de morrer quero conquistar todos os objetivos da minha vida; o grande medo da minha vida é a minha mãe, ela é tudo pra mim; o que sou, hoje, tenho que agradecer a ela e meu pai. Pra mim, minha família e as pessoas que adoro são tudo. (Raissa, diário, 29/07/05)

O desejo de usufruir de liberdade as impulsiona a buscarem outro modo de se verem e de ser no mundo, o que pode representar uma quebra na forma de se sentirem incluídas, que se desloca da tradição familiar, criando as *maneiras de fazer* de que nos fala Certeau (1994), como é o caso de Raissa:

Na sala de aula os meus colegas dão em cima de mim, sempre, mas eu só considero eles como amigos. Para mim, isso não é tão importante, porque no momento só quero viver só pra mim, curtir tudo na vida, pra um dia poder contar história de tudo que já vivi, nessa vida que é maravilhosa. (Raissa, diário, 15/06/05)

Quando Raissa expressa que “*quer viver só pra si*”, refere-se à possibilidade de adiar a construção de uma relação afetivo-amorosa estável com um parceiro, considerando que isso a impossibilitaria de viver com liberdade. Para ela, ser livre é poder viver para si própria e a relação afetivo-amorosa parece ser considerada como “um viver para o outro”.

Esse posicionamento pode ser compreendido em contraposição com o modo como ela vivencia e percebe as relações no seu entorno, em que um exerce poder sobre o outro, em geral o homem em relação à mulher. Esse modo de relacionamento é resultado da forma como se construiu a noção de casamento na sociedade patriarcal determinando comportamentos, interferindo na divisão social do trabalho e instituindo o

homem como aquele que detêm o poder, no seio familiar. Com base nesse modelo, há prioridade para a lógica da dominação masculina, em que o comportamento feminino deve ser o da obediência e dedicação ao marido e filhos, ou seja, a mulher deve, primeiro, viver para o outro.

O desejo de viver para si própria parece sinalizar a mudança nas relações de poder entre os gêneros, revela o desejo de construir a vida por percursos diferentes daqueles vividos por suas mães. Talvez o eco do movimento feminista e a conquista dos direitos civis iniciados a partir da década de 60 do século passado estejam interferindo positivamente no modo de constituir-se como jovem mulher no tempo presente. A busca da realização através do binômio “mãe e esposa”, observada por investigadores da América Latina, especialmente nas classes pobres, não parece constituir-se o centro de interesse dessas jovens. Suas trajetórias de vida têm percursos distintos dos itinerários traçados por suas mães, tanto porque vivem um outro tempo, quanto porque as conquistas do movimento feminista parece exercer muito mais influência nas jovens de hoje do que nas de gerações passadas. As jovens buscam em si mesmas a concretização de muitos sonhos e a realização da vida futura se desenha predominantemente pela inserção no mercado de trabalho:

Em vista de alguns jovens eu me vejo diferente, sim, porque acho que sou uma pessoa que penso com muita maturidade. Eu não penso em ficar só num emprego, trabalhando 4 horas..., não, assim está bom, vou ficar em casa quatro horas, dormindo. Não! Eu sou metida, eu quero mais, quero ser mais, porque quero ter minhas coisas sabe, não depender, me casar agora nem pensar. Por que ser pouco se eu posso ser mais? Aí eu perco um pouquinho da minha juventude sabe, eu me acho diferente um pouco, porque eu acho que sou mais objetiva do que eles, os outros jovens. Eles, a maioria dos jovens ah! está bom assim, mas eu quero mais. (Tânia, entrevista)

Esses sonhos se relacionam com o desejo de ter uma vida independente, em certo aspecto relacionado com a liberdade. Alguns, entretanto, estão relacionados com a fama e a ilusão de um trânsito fácil para uma vida mais confortável economicamente:

Como todo o adolescente tem sonhos, bom, eu, por exemplo, sou uma, tenho tantos sonhos: um deles é ser uma grande modelo, tirar fotos e fotos; outro, é ser uma grande dançarina tipo Beyoncé⁴; ela, para mim, é uma dançarina e tanto, sou fã dessa mulher. (Raissa, diário, 26/06/05)

⁴ Dançarina e cantora norte-americana.

[...] Eu também sonho, um dia ser uma boa psicóloga, e ter uma profissão, por isso, apesar das dificuldades, quero acabar os meus estudos pelo menos para ser alguém na vida. (Raissa, diário, 06/07/05)

Nem sempre os sonhos são concretizados, nem aqueles ligados ao acesso à fama, nem mesmo os relacionados à possibilidade de concluir os estudos. Raissa (20 anos), por exemplo, neste momento, não está estudando e não concluiu o Ensino Médio. O sonho de ser modelo, de ser dançarina, revela o quanto a jovem se sente presa no labirinto da vida, o que pode provocar a negação da realidade, fazendo projeções utópicas. (PAIS, 2003) O sonho da formação acadêmica, igualmente não concretizado, revela a fragilidade do sistema de ensino no Brasil e o quanto ainda é necessário investimento para que jovens pobres possam ter acesso pleno à Educação Básica.

Jô (20 anos) sonhava ser pediatra, mas a precariedade da vida a fez desejar coisas mais concretas. Hoje ela precisa terminar o Ensino Médio para poder ingressar no curso de auxiliar de instrumentação cirúrgica, que é oferecido aos funcionários do hospital onde trabalha. Com seu trabalho, pretende comprar uma casa, deseja ter um lugar para morar que seja seu. Jô deseja construir sua própria família, mas antes quer se tornar independente:

Quero ter minha vida, ter minha casa, ter minha família sem estar dependendo de ninguém. Não gosto de estar pedindo dinheiro para isso dinheiro para aquilo; quero, um dia, poder recompensar meus pais por tudo que eles fizeram por mim, quero que tenham orgulho de mim. (Jô, diário, 30/01/06)

A possibilidade de trabalho está vinculada à liberdade de sair e ter autonomia para decidir sobre o seu fazer:

Aos dezesseis tu queres ter várias liberdades, sair, assim, que tu buscas, mas não é assim, não é de uma hora para outra que vai.... Ah, morar sozinha, já, trabalhar, quantas vezes eu já te mandei escrito que eu queria trabalhar e trabalhar. Daí, eu consegui, graças a Deus, ter um empreguinho já faz um ano. (Jô, entrevista)

O trabalho é importante por proporcionar subsistência, mas tem um valor simbólico que se refere à possibilidade de a mulher ocupar um lugar de reconhecimento na sociedade. A transformação do patriarcado, proposta por Castells (1999), está relacionada também ao ingresso da mulher no mercado de trabalho, pois isso rompe com uma situação de dependência e poder que os homens exerciam sobre as mulheres

que, por não terem autonomia financeira, se submetiam muito mais a situações de dominação.

A busca por liberdade acompanha as jovens ao longo de sua trajetória. Ela está associada à possibilidade de saírem de casa, fazerem o que desejam sem serem controladas, mas também se relaciona à concretização dos sonhos. Os rastros deixados pelo patriarcado, que interfere até os dias de hoje na constituição familiar, nas relações de poder e divisão do trabalho, estão se tornando mais frágeis, embora ainda existam e se revelem nas formas de reprodução, como nos afazeres domésticos, uma prática exclusivamente feminina entre as jovens pesquisadas.

Palavras finais

Neste texto pode-se observar que as expressões femininas do ser jovem, analisadas a partir de alguns traços autobiográficos construídos em diários, tornam-se perceptíveis pela decodificação de uma linguagem cifrada, fragmentada, que expressa algumas reflexões e vivências cotidianas de seis jovens mulheres que aceitaram o desafio de escrever produzindo narrativas que são suas próprias vidas na forma como elas a vivem, a sentem, a experienciam, a constroem.

Os diários se constituem em espaços singulares de aprendizagens solitárias, como um esboço de autobiografia em potencial, exercício de pensamento, contribuição para a constituição de si, promovendo a construção de sentido das coisas vividas. (RAMOS, 2000) Os diários abrigam a possibilidade de invenção, um jogo lúdico onde imagens, sinais, palavras e artifícios próprios da linguagem juvenil se revelam, assim como os lapsos, as incertezas, o silêncio, as reticências, as palavras perdidas, os símbolos desenhados, as artimanhas para criar uma linguagem que traduza a cultura juvenil.

O diário possui conotações que transitam em três dimensões: política, cultural e subjetiva.

A dimensão política se efetiva à medida em as jovens se conectam à experiência de narrar e, ao narrar-se, se posicionam no mundo.

A dimensão cultural aparece mediante a construção de um novo universo com traços daquele que já existe. O novo que trazem ao mundo ocorre a partir do conceito de natalidade (ARENDRT, 2005), o qual significa que um nascimento é um novo começo e o agir é uma das suas faculdades, ainda que o resultado da ação seja imprevisível. Nesse

aspecto observe-se que esse novo se apresenta através de novos comportamentos que as jovens desejam colocar em prática nas suas experiências, entretanto, os traços culturais do mundo que já existe influenciam os novos comportamentos, mas não tornam impossíveis as tentativas das jovens de abrir novas possibilidades através do que Certeau (1994) denomina *microliberdades* que viabilizam as *artes de fazer* a vida valer a pena, criando assim um mundo novo, além da reprodução.

A dimensão da subjetividade se revela mediante as práticas discursivas, que traçam a trama de suas vidas, trafegam pelos tempos da memória, criam sentidos para suas vivências cotidianas, buscam, no abismo de si mesmas, novos sentidos para sua história, produzem a si próprias através da linguagem, enquanto o texto as produz como sujeito singular que vive em relação com os demais. (CUNHA, 2007)

Ao analisá-los, percebe-se que eles refletem a diversidade, assim como ocorre com a categoria juventude. Contemplando diferenças e semelhanças, os diários guardam a vida de seis jovens mulheres que buscam seus próprios sonhos tendo a escolarização e o trabalho como caminhos mais concretos para alcançá-los, mas ao mesmo tempo difíceis e imprevisíveis. O trabalho possibilita o exercício da liberdade e o usufruto de formas de lazer. A escolarização é um percurso árduo, difícil e, muitas vezes, não ultrapassa o nível obrigatório. Apesar da precariedade e das dificuldades, não desistem de sonhar, embora possam ir modificando os sonhos à medida que o imprevisível aparece em suas vidas.

As estruturas que originaram a dominação masculina, parecem adquirir novos contornos, flexibilizando as relações de poder que os homens exercem sobre as mulheres, principalmente no que se refere ao direito à autonomia, mas ainda marcam presença nas experiências que se referem às relações afetivo-amorosas.

Concluindo, gostaria de ressaltar que a investigação que originou esse texto pretende contribuir para os estudos de juventude à medida que oportuniza conhecer parte da vida de jovens mulheres anônimas como “produtoras de práticas e sentidos específicos de juventude” tentando romper com a visão “hegemônica e restritiva da representação do juvenil-masculino” que ocorre a partir do androcentrismo. (ELIZALDE, 2006, p. 3) Deseja incidir no campo educacional, uma vez que o conhecimento dos sujeitos a quem se destina a educação pode contribuir para uma aproximação mais significativa entre a escola, as jovens e a vida que contextualiza essas relações. Tal intenção orientou também a escolha de ouvir as mulheres jovens buscando construir uma investigação com os contornos próprios do gênero feminino.

REFERÊNCIAS

- ABRAMO, H. W.; BRANCO, P. P. M. **Retratos da Juventude Brasileira**: análises de uma pesquisa nacional. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2005.
- ARENDDT, H. **A Condição Humana**. Rio de Janeiro: Forense, 2005.
- ARFUCH, L. . **El Espacio Biográfico**: dilemas de la subjetividad contemporanea. Buenos Aires: Fondo de Cultura, 2002.
- BAUMAN, Z. . **Modernidade e Ambivalência**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.
- BOLÍVAR, A. ; DOMINGO, J. ; FERNÁNDEZ, M. . **La investigación biográfico-narrativa en educación: enfoque y metodología**. Madrid: La Muralla, 2001.
- BOURDIEU, P. . **A Dominação Masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.
- CASTELLS, M. . **O poder da Identidade**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- CERTEAU, M. . **A Invenção do Cotidiano**: as artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.
- CUNHA, M. T. S. . Diários Íntimos de Professoras: letras que duram. In: _____; MIGNOT, A. C. V. ; BASTOS, M. H. C. (org). **Refúgios do Eu**: educação, história e autobiografia. Florianópolis: Mulheres, 2000. p. 159-180.
- _____. Do Baú ao Arquivo: escritas de si, escritas do outro. **Revista Eletrônica da CEDAP**, 2007. Disponível em: www.cedap.assis.unesp.br/patrimonio_e_memoria/patrimonio_e_memoria_v3.n1/home5.html. Acesso em: 18 dez. 2007.
- ELIZALDE, S. . El Androcentrismo en los Estudios De Juventud: efectos Ideológicos y aperturas posibles. In. **Revista Última Década**. [on line] dez/2006, n°25. V14. p. 91-110. Disponível em: www.scielo.cl/scielo.php. Acesso em: 23 de dezembro de 2007.
- FABBRINI, A. ; MELUCCI, A. . **L'età Dell'oro: Adolescenti tra sogno ed esperienza**. Milano: Giangiacomo Feltrinelli, 2000.
- MARTINS, J. de S. . **A Exclusão Social e a Nova Desigualdade**. São Paulo: Paulos, 1997.
- MELUCCI, A. . **Vivencia y Convivencia: teoria social para una era de la información**. Madri: Trotta, 2001.
- _____. **O Jogo do Eu**: a mudança de si em uma sociedade global. São Leopoldo: UNISINOS, 2004.

MUZART, Z. L. . De Navegar a Navegantes. In. MIGNOT, A. C. V. et al. **Refúgios do Eu**. Florianópolis: Mulheres, 2000. p.181-189.

NAROTZKY, S. . *Mujer, Mujeres, Genero : una aproximación crítica al estudio de las mujeres en las Ciencias Sociales*. Madrid: CSIC, 1995.

PAIS, J. M. . **Ganchos, Tachos e Biscates**. Porto: Âmbar, 2003.

RAMOS, T. R. O. . Querido Diário: agenda é mais moderno. In. MIGNOT, A. C. V. . **Refúgios do Eu**. Florianópolis: Mulheres, 2000. p. 191-201.

REGUILLO, R. . *Las culturas Juveniles: um campo de estudio, breve agenda para la discusión*. **Revista Brasileira de Educação**. ANPED, n. 23, p. 103-118, maio/ago. 2003. p. 103-118.

RIVERA, M. G. . *El Cuerpo Indispensable: significado del cuerpo de mujer*. Madrid: Horas y HORAS, 1996.

TOURAINÉ, A. . Sexo, Gênero e Sujeito: uma entrevista com Alain Touraine. **Revista de Sociologia e Política**: Curitiba, n. 23, p. 169-174, nov., 2004. Disponível em: www.scielo.br/scielo.php. Acesso em 02 nov. 2007. Entrevista concedida a Miriam Adelman.